

ENCANTO E DESILUSÃO: A CONSTRUÇÃO DA LÓGICA E DO SIMBÓLICO NO TEATRO DE SOMBRAS

Alexandre Fávero¹

Aprendizagem de várias vidas

Quando se trata de construir um teatro de sombras atual, mágico e precioso, o universo conspira de maneira traiçoeira para nos fazer desistir. O caminho empírico é necessário e apresenta riscos conforme se avança. O título, assim como o conteúdo desses textos, já indica para um certo sacrifício para percorrer o caminho e, talvez, alcançar algum lugar desconhecido e encantador. A simbologia e as metáforas que se relacionam ao jogo de claro/escuro que esse gênero sugere são inevitáveis, e dão um charme especial aos aprendizados e às descobertas. Brincar com sombras é uma bruxaria antiga e a mestra principal dessa escola é a própria sombra. Ela revela as passagens para quem topa o desafio de aprender as lições e cruzar por cada portal que se abre. Cada bifurcação faz com que o aprendiz adquira uma consciência criativa nesse caminho, de atmosfera obscura e misteriosa, formando uma rede

labiríntica de informações e possibilidades; por isso é necessário alguma disciplina para educar-se durante o trajeto, evitando perder-se por imprudência ou insegurança. A luz é outra professora que acompanha a jornada. Parece que nos observa por cima do ombro e se impõe quando é necessário castigar alguma insolência grave. São muitas as sabedorias que as sombras e as luzes guardam e pautam nesses milhares de anos de existência humana na Terra e por isso, quando evocadas de maneira artística, e como protagonistas, liberam uma potência mística de memórias ancestrais sobre o mundo e a humanidade, conectando a ciência, a psicologia e a natureza em ritos teatrais únicos. A sombra e a luz irmanadas na cena são mais que figuras em movimento, efeitos coloridos ou narrativas dessa ou daquela história. É uma cerimônia na qual se pode alcançar valores místicos e êxtases sensoriais.

Eu tenho acessado alguns conhecimentos dessa arte na medida em que me desafio nos projetos e entendo que a minha vaidade, como criador, serve somente como um disparador, um ingrediente, que mais adiante se dissolve na obra artística e com o tempo certo transmuta-se em diferentes deslumbramentos para compartilhar com curiosos de várias idades, lugares e tempos. Meu papel como sombrista é dar forma aos sonhos dos outros. Pode ser um pecado para o ego, mas é um milagre para o espectador dessa arte. Vale cada segundo da minha vida de vigília, buscas e aprendizados.

¹ Encenador, cenógrafo, diretor, sombrista e fundador da Cia. Teatro Lumbrá de Animação (2000). Artista autodidata com mais de 20 anos de atuação profissional e prêmios na área da encenação e da pesquisa em artes cênicas. Em seu processo de criação com a linguagem das sombras e das luzes, utiliza diferentes conhecimentos e saberes para investigar conceitos poéticos, estéticos e técnicos. Site: www.clubesasombra.com.br



Sacy Pererê - *A Lenda da Meia-Noite* (2002). Cia. Teatro Lumbra de Animação. Direção e foto: Alexandre Fávero.

A pedagogia da sombra

O que foi escrito e será lido aqui foi embasado, em sua maioria, na observação e nos aprendizados práticos. A leitura de textos e imagens ajuda muito e é sempre recomendável para ampliar o leque de referências e estudos, cruzando os conhecimentos

que se aproximam do teatro e da sombra para que enriqueçam e envolvam as experiências estéticas, poéticas e técnicas. A exigência técnica é necessária, mas também é importante cultivar e manter desperto um espírito sensível e brincalhão quando a atenção está voltada para o comportamento da luz e da sombra. Um olhar ingênuo e infantil é eficaz

para dar leveza ou densidade aos dramas encenados pelas sombras. O sombrista faz da arte do teatro de sombras uma maneira de reconhecer e realizar diferentes associações criativas e poéticas de como os fenômenos luz/sombra, claro/escuro, aqui/agora vagam pelo mundo. Essas inspirações são feitas de pontos de vista sobre a vida e o espaço/tempo das investigações artísticas e dos espetáculos que surgem delas.

Uma arte de respostas óbvias e perguntas complexas

Quem quer entender sobre teatro de sombras pode começar fazendo a coisa mais importante que há: perguntas. Uma pergunta complexa origina mais resultados interessantes do que uma dezena de respostas fáceis. O questionamento e a reflexão são pedras de ignição para o combustível da curiosidade

Bolha Luminosa (2005). Cia. Teatro Lumbra de Animação. Direção: Alexandre Fávero. Foto: André Guisard.



e de uma filosofia de trabalho. A qualidade de qualquer pesquisa se fundamenta no desejo de obter respostas e impulsiona o curioso para os caminhos das descobertas. Fazer boas perguntas garante uma aventura gratificante em qualquer ofício. Dedicar-se nesse primeiro passo, com paciência e coragem, permite acessar questões desconhecidas para experimentar-se. O segundo passo é considerar que haverá erros e acertos, e que isso traz satisfação em qualquer dos casos, pois se aprende dessa forma. Não ter vergonha de errar sozinho, ou em frente ao público, faz parte da vida teatral, da arte viva

e do aprendizado. Muitas outras virtudes serão importantes na jornada e é necessário fôlego para continuar adquirindo-as. Muitas vezes é necessário parar, retroceder e recomeçar. As dificuldades e as dúvidas ajudam a habituar-se a calcular as probabilidades e saborear as possibilidades. Essas breves informações, que são lidas aqui e a seguir, só fazem sentido se forem postas à prova, na prática, em experiências e testes. A destreza se conquista com o tempo de prática. Faça e refaça perguntas para começar a praticar.

Auto Luminoso de Natal (2005). Cia. Teatro Lumbra de Animação. Direção: Alexandre Fávero. Foto: Katia Antunes.



(Re)construir ideias para aprender a responder perguntas

Não é necessário construir nada para que as sombras existam. Suponhamos que elas estão aí antes mesmo de existir a luz, afinal, a ideia de que antes de tudo não existia nada nos traz a imagem do vazio e do escuro – um conceito bem parecido com o de uma sombra. Já o teatro de sombras implica algum tipo de esforço e necessidades. Algum procedimento e a construção de alguma coisa. Uma das maneiras de entender o conceito artístico do teatro de sombras é pensando e falando sobre o assunto. Preparar um espaço para brincar com os elementos mais simples dessa linguagem já é parte do aprendizado. Isola-se um lugar e acende-se um foco de luz. Pronto! Mas tratando-se de claro e escuro, luz e sombra, branco e preto, positivo e negativo, é conveniente um tempo para pensar sobre essas forças contrastantes, opostas e complementares, afinal, são imagens que aparecerão diante dos nossos olhos e irão gerar leituras, sensações e um montão de relações com o tempo, o espaço e a nossa memória. Observar a natureza, olhar as luzes e sombras no cotidiano, folhear livros, contemplar pinturas clássicas, ler alguns textos científicos ajudam a arejar a cabeça criativa antes de entrar em ação, construindo figuras ou ligando focos de luz. Todo o sujeito criativo, logo que tem uma ideia, imediatamente começa a colocar em prática um plano prático. Calma! Iluminar a ideia criativa para o teatro de sombras com perguntas e a imaginação faz parte do trabalho. Isso ajuda na preparação de um plano eficiente antes de mergulhar no escuro e acender a luz.

A construção é feita para encantar o outro

O conceito de construir, ou de construção, está associado à ideia de empilhar, juntar e criar maneiras de agrupar coisas com uma determinada lógica e coerência. A complexidade artística e a potencialidade poética no teatro de sombras moderno depende

das capacidades de lidar com a combinação das variáveis. São muitas as ideias, os materiais, as técnicas e as novidades disponíveis ou ainda por serem descobertas. Somam-se a isso os desejos, as limitações, as diferentes culturas e se descortinam variáveis que se bifurcam em infinitas possibilidades sobre um ou mais temas. Definir quais deles são úteis para criar um teatro de sombras que encante, toma tempo de experimentação e exige investimento financeiro e, por isso, para agrupar com alguma lógica as possibilidades criativas em um espetáculo, muitas vezes é necessário restringir, simplificar, para conseguir arquitetar a construção do material cênico básico para começar o trabalho. Deve-se ter sempre em mente que o teatro de sombras atende o outro, um grupo de espectadores, o público. Esse raciocínio lógico e indiscutível sobre a função do encenador, que está a serviço de atender a um determinado público, prontamente permite conceber, perceber, organizar e planejar as estratégias criativas e construtivas, definindo as várias etapas para criar e animar as imagens de sombras na apresentação de teatro. Quanto mais alinhadas com o público, pensadas e detalhadas forem as etapas, tanto melhor será o processo de construção dos recursos para realizar uma cena, outra cena, mais outra e outra, até conseguir conectá-las e transformá-las em uma obra concisa e robusta.

O encanto vem pela emoção

O encanto é uma atração boa e inexplicável que nos agrada, parte pela beleza e outra, pela emoção. A beleza surge da aparência das coisas, da sua estética, enquanto a emoção nos arrebatada pela combinação inspiradora da poesia, daquilo que nos inspira, nos move e nos une. O teatro de sombras é uma construção poética para ser testemunhada de maneira presencial e fazer um espectador, ou a humanidade, duvidar ou acreditar naquilo que está diante dos seus sentidos. Sombrista e público se unem nessa experiência ao acreditarem, juntos e ao

mesmo tempo, que pertencem, ou estão partilhando, de uma outra realidade. Quando o encenador junta de forma equilibrada os elementos necessários para o encantamento na cena do teatro de sombras, transparece toda a qualidade poética e simbólica desse gênero incomum. Os espetáculos de teatro de sombras que transmitem qualidades preciosas aos espectadores criam esse efeito ao proporcionar, de maneira intrínseca, mas reconhecível, que a sombra é uma tecnologia única, que só pertence a essa arte e que, por isso, é capaz de revelar valores estéticos e poéticos singulares.

A escolha da tecnologia sombra

O texto que segue poderia abrir esse artigo, mas está aqui posicionado por uma única razão: não desestimular o leitor e os interessados no assunto. Imagine que durante todo o processo de criação e construção de um espetáculo de teatro de sombras o(s) artista(s), inevitavelmente, refletirá, ponderará e solucionará demandas para muitas questões e dúvidas da produção. Para começar esse processo é importante resolver uma primeira e grande questão que acompanha todas as dores e as delícias da jornada de montagem de um espetáculo de sombras: – Por que eu vou usar a sombra para fazer teatro?

Se a resposta envolve motivações simbólicas e poéticas que se relacionam com o tema da narrativa, essa escolha trará inúmeras vantagens ao trabalho de criação, e na construção do material cênico, aumentando muito as chances da cena ou do espetáculo se comunicar com o público. O espectador de teatro ou de cinema, consciente ou não da sua escolha, deseja encontrar uma sintonia com o que vai assistir. Nesse caso, surpreender-se e emocionar-se através das sombras. Caso as motivações do artista para a escolha da sombra como ferramenta de linguagem seja aleatória e despreziosa, o encenador e o público terão dificuldades no processo e na sintonia entre artista, obra e público. As vaidades ou descuidos de um criador geralmente não provocam a empatia do espectador e tornam a experiência frustrante. Cada um descobrirá o preço das suas escolhas no seu tempo e da sua maneira. Esta é uma das grandes lições da arte do teatro de sombras – acertar na escolha da sombra como protagonista da obra. O preço das escolhas erradas, quase sempre, é caro.



A matéria-prima do teatro de sombras é o escuro

De maneira geral, uma construção, por mais simples que seja, exigirá alguns recursos e mão-de-obra. Quando se trata de sombra e luz existem mais recursos sedutores do que mão de obra especializada. Antes de sair comprando material e recortando personagens em papel-cartão, é importante a atenção na “construção” do espaço do teatro de sombras. É no escuro que a cena existe e se reforça. Quanto mais escuro, menos necessidade de potência de luz. É uma relação natural de balanceamento. Se há penumbra em vez de escuridão, as fontes de luz deverão ter mais potência para compensar e tornar mais contrastante as áreas claras e escuras. Com atenção ao espaço escuro, as projeções podem ganhar muita qualidade. Priorizam-se os ensaios em salas previamente isoladas e apresentações em teatros com um sistema eficiente de caixa preta no palco. Mas nem sempre é assim. Novamente pesa a escolha da sombra como protagonista da cena. Ela exige controle da luz dentro e fora da cena. Muitas vezes será necessário vedar, desligar, pendurar panos e reunir coisas distintas para preparar o espaço antes de realizar um espetáculo de teatro de sombras. Claro! Se a eleição da sombra foi pensada e a escolha foi consciente, toda a lógica da criação será para construir imagens, na cena, dentro da melhor qualidade de escuro possível. Dominar o espaço escuro é uma parte fundamental da potência dessa arte, e sem controle fica comprometida a transmissão daquilo que se pretende nesse tipo de teatro. O espaço escuro comanda a escolha dos materiais, determina o tipo e a potência das fontes luminosas e a maneira como tudo isso se relaciona com a poética da encenação. O escuro é parte e unificadora dos fatores interdependentes no processo de criação e durante toda a construção da obra. É possível verificar a forma de uma silhueta na luz do sol, mas os testes e as experiências mais intrincadas e encantadoras

serão realizadas preferencialmente na mais completa escuridão, pensando em como será percebida.

Sombrista – quem dinamiza a cena

O performer/animador/ator/intérprete do teatro de sombras, que chamo de sombrista, é parte indissociável dessa construção e de tudo o que acontece. Atua no antes de chegar o público (preparando a atmosfera), durante a encenação (o teatro é ao vivo e acontece no instante do “aqui e agora”) e depois da apresentação (existe vida após o final do espetáculo, quando se acendem as luzes da plateia). O sombrista é o sujeito que faz a cena acontecer. Ele é quem cria e ilumina a escuridão. Regula as potências que fazem surgirem ou desaparecerem as imagens. Produz sons ou silencia o espaço. É quem inicia e termina o ritual. Pode ter distintas funções, mas quando cria, constrói e atua, o estilo autoral do sombrista se evidencia com uma personalidade peculiar e original na cena. Às vezes esse efeito pode prolongar a experiência, marcando a memória do espectador e também revelando sutilezas da bagagem criativa do autor. Se a obra mostra partes do processo técnico ou do percurso criativo, como mecanismos, maneiras de operar, por exemplo, a experiência se expandirá ainda mais para o espectador, pois além da função de entretenimento, o espetáculo alcançará outras áreas simbólicas, muitas vezes ocultas por uma tela, ou não transpostas para o palco por receio do autor. Esse conjunto de intenções, propósitos imaginados, soluções para compor as imagens e as dinâmicas para dar o movimento na cena são os principais fios que tecem as dramaturgias no teatro de sombras. É bonito de ver do ponto de vista do público. O sombrista precisa ter sempre um olho lá, na segunda fileira da plateia.

Criatividade complexa, processos (des) controlados e singeleza de resultados

Uma ideia brilhante pode ofuscar uma sombra tímida. Parece uma frase feita e de puro efeito, mas é uma valiosa charada para quem se depara com as tensões dos processos criativos. Só a criatividade não garantirá um bom resultado no teatro de sombras. O encenador constrói diversas pequenas cenas para formar uma única obra teatral. Todas essas partes precisam de uma lógica que as faça fluir com ritmos no tempo e no espaço do espetáculo. A máxima “menos é mais” sempre é bem-vinda na construção das cenas de um espetáculo, pois exercita um olhar atento e um desenvolvimento controlado. Ir do simples ao complexo, lidando com as variáveis dentro do tempo do aprendizado para tornar as escolhas conscientes e equilibradas. Existe sutileza na dosagem e nas relações dos diferentes aspectos de uma montagem. Convém ter em mente essas combinações e relevâncias.

A sensibilidade emotiva - Faz parte da vida e de todos. Envolve a cultura de cada um dos integrantes da equipe artística, do público, do contexto do lugar, do tempo que se vive e para onde se direciona a obra que se está construindo;

As habilidades técnicas - Ou a falta delas, afinal, durante o processo de construção são feitas muitas e diferentes descobertas sobre as necessidades e as limitações;

A escolha dos recursos - São tantos, que confundem e atrapalham o destino de criadores e das criações;

O ímpeto criativo - É o que conduz, mas também leva a caminhos traiçoeiros;

O mercado artístico - Algumas vezes determina o que fazer ou evitar.

No começo é bom ver onde pisa

A construção consciente de um caminho é o importante “passo” antes de começar a andar. Todo o processo apresentará dúvidas e múltiplas escolhas, e por esse motivo os procedimentos serão sempre experiências. Tudo é uma hipótese até que se comprove, na prática e nos ensaios, que a ideia realmente se presta para a cena de sombras. A sombra exige fôlego para investigar experimentando todas as suposições que ela instiga. Muitas descobertas serão surpreendentes, mas muita coisa vai dar errado. Dependendo do projeto e dos recursos, o sombrista vai eleger e testar uma numerosa quantidade de matérias-primas, ferramentas, tipos de fontes de luz, superfícies de projeção, relações espaciais, sobreposições de linguagens e variadas técnicas. Não há limites nem regras. E isso é um problema nessa aventura investigativa, pois cada vez que se bifurcam os caminhos, mais numerosas são as possibilidades. É exatamente nesse efeito labiríntico que reside a mais perigosa armadilha do teatro de sombras. Para não se perder, simplifique os materiais e os procedimentos, tendo como objetivo a emoção. Não se iluda com a técnica, com as tecnologias ou com as boas ideias, pois o espectador que contempla a sombra deseja ser encantado. Simples assim.